

CHEVREL, Yves. *Le Naturalisme*. Paris, Presses Universitaires de France, 1982. 234 p.

Alguns anos já se foram desde que a editora Presses Universitaires de France lançou em Paris este *Le Naturalisme*, de Yves Chevrel, professor de literatura comparada na Universidade de Nantes. Mas nunca é tarde para se assinalar um bom instrumento de pesquisa.

Em vez de propor mais um livro sobre o exclusivo movimento naturalista francês, o autor alarga os horizontes da investigação e, enveredando por diferentes itinerários europeus, recolhe indícios e testemunhos de uma mesma sensibilidade que se manifesta em fins do século passado nas mais variadas literaturas: alemã, espanhola, francesa, inglesa, italiana, norueguesa, polonesa, portuguesa, russa, sueca. Não é sua intenção explorar a fundo todos estes férteis campos artísticos; mas há, sobre vários, muitas indicações e dados úteis. De qualquer forma, cabe ressaltar de imediato que a pesquisa se concentra sobretudo nos dois domínios em que se admite mais comumente a existência de um Naturalismo autônomo: o francês e o alemão.

A dicotomia realismo/naturalismo constitui o ponto de partida de Chevrel. Em torno dela, ele discute num primeiro momento – I: *Perspectives critiques et hypothèses de recherche* – as grandes tendências da crítica face ao problema das definições, que o leva a recusar uma conceituação apriorística e a optar por reunir um corpus de textos com traços comuns tendo como referência, mas não critério único, a obra de Zola. Com um recenseamento aproximativo desta produção naturalista internacional, – II: *La diffusion du Naturalisme* –, em quatro etapas (1864-1869, 1879-1881, 1885-1888, 1891-1895), encerra-se a 1ª parte, introdutória.

A segunda – POÉTIQUE – vai aprofundar alguns pontos capitais de uma possível estética naturalista. Esta parte, a mais extensa da obra, abre-se com o capítulo III – *De la mort de la tragédie à une littérature sans mythes ni tabous*. O escritor naturalista, afirma-se aí, interroga sobre o homem, mas rejeita a tragédia. Sua crença na ciência afasta o sentimento de um destino incompreensível. O ser humano aparece como um composto de elementos identificáveis – meio, métier, hereditariedade –. O escritor propõe-se então a desmontagem dos mecanismos, a compreensão, que impede o temor da fatalidade. O Naturalismo, que dessacraliza o mundo, recusa o destino e não descreve nenhum combate humano contra forças transcendentais, acaba criando por sua vez novos mitos sem face divina: a ciência, o progresso, a utopia humanitária. A força de

rejeitar mitos e tabus, deixa o homem a descoberto, vítima do trágico da vida, do dia a dia.

O capítulo IV – *Une rhétorique du désordre* disserta sobre a confusão introduzida pelo Naturalismo na questão dos gêneros literários. Os contemporâneos enfatizaram logo as carências do romance naturalista: ausência de composição, de equilíbrio, de intriga, de herói positivo ou simplesmente de heróis; seqüências de descrições ou cenas sem nexos e que se poderiam ler em qualquer ordem; e outros tantos defeitos. No fundo, parece tratar-se da recusa em utilizar qualquer forma inibidora, artificial, que impediria o escritor de transbordar o texto com tudo aquilo que a observação do real lhe fornece. Surgem assim várias tentativas formais que propiciam o desenvolvimento seja de um gênero híbrido, misto de romance e teatro, seja de textos curtos, do tipo novela/crônica, forma mais adequada ao texto naturalista. E, no entender do crítico, a “não especificidade” afirma-se como palavra chave da poética naturalista de gêneros.

No âmbito da temática, Yves Chevrel destaca quanto o Naturalismo é rico e inovador na sua busca de uma literatura do mundo moderno (V – *L'analyse cruelle*). Este mundo concreto inscreve-se numa visão biológica de organismo em movimento, que tem suas regras para funcionar. Procurando melhor evidenciar tal mecânica, o escritor naturalista vai estudar justamente os casos de “disfuncionamento”; donde os seus temas mais freqüentes: o fracasso do herói, os casos patológicos, os personagens marginais – criminosos e prostitutas –, a influência do meio, as relações entre o social e o patológico, a integração do indivíduo na sociedade. O estudo do “disfuncionamento” conduz a um pessimismo que muito se tem criticado. Chevrel observa porém que, mais do que mostrar que tudo vai mal, o naturalista procura questionar todas as certezas: “Plus que de pessimisme, c'est de cruauté qu'il faut parler” (p. 106). Crueldade de natureza metodológica, portanto; e não temática.

Os capítulos VI – *La logique du texte* e VII – *Marques de la fiction, appel de l'Histoire* abordam o esforço do artista que, por fidelidade ao real, vê-se obrigado a tentar dissimular os inevitáveis artifícios literários. Como conciliar a “tranche de vie”, episódio solto e autônomo, com a lógica do texto cujas estruturas necessitam arranjo? Para escapar ao dilema, o romancista desenvolve certos procedimentos, como o da retomada das mesmas estruturas levemente modificadas. E, com o intuito de evitar a possível monotonia da repetição, apela-se para o recurso do personagem funcional, espécie de mensageiro vindo de fora, que vai pôr em movimento uma situação cujo equilíbrio aparente esconde um profundo desequilíbrio.

Estudando em seguida os dois momentos que mais denunciavam as marcas da ficção – a abertura e o fecho da narrativa –, Chevrel demonstra também como o escritor, jogando com a dialética da continuidade/ruptura, tenta fugir do extraordinário, lei fundamental do gênero romanesco, e insere a ficção no movimento da História: “Si l’incipit du texte naturaliste est d’abord continuité, la fin en est d’abord ouverture...” (p. 142).

A questão da escrita naturalista vem colocada no capítulo VIII – *Turbulences de l’écriture*, o último da 2ª parte. Cedo generalizou-se o preconceito Naturalismo=palavrão, com isto condenando-se uma certa preferência pelos registros lingüísticos mais baixos. Entretanto, nem esta prática teria sido uma verdadeira marca de pesquisa com a linguagem, preocupação estranha aos naturalistas subordinando via de regra a língua às exigências da comunicação autor/destinatário. Pelo menos, na França. Já no Naturalismo alemão nota-se com algum vigor o gosto pelo burilar lingüístico, sobretudo em A. Hoz, por exemplo. No geral porém, reitera Chevrel, predomina o estudo do comportamento humano em sociedade, sem refino verbal.

A 3ª parte – COMMUNICATIONS – reúne dois capítulos (IX – *Le métier d’écrivain* e X – *La part du public*) que levantam alguns elementos instigantes sobre a inserção do escritor naturalista no contexto social da época e seu relacionamento com um público mais evoluído. Paradoxo: burguês emancipado pelo dinheiro, o escritor naturalista é repudiado pela própria burguesia em que se forjou. Outra curiosidade: a evolução dos grupos de literatos, que deixam de ser um “cenáculo” admirativo em torno do mestre carismático, para tornarem-se associações já quase em moldes de sindicato moderno. Outro fenômeno emergente: a publicidade, que proclama as virtudes da obra literária.

Com a instituição do ensino obrigatório e o conseqüente aumento dos índices de alfabetização, o público naturalista amplia-se bastante. Tanto leitor quanto espectador, pois, assiste-se então a um esforço de democratização do tradicionalmente fechado espetáculo teatral. Espantado de início pelos excessos naturalistas, este novo público terá que ser educado aos poucos, tarefa que um Zola levará a sério. A própria concepção artística aberta deixa espaço para uma certa criatividade do leitor/espectador. Por outro lado, o aparecimento do “metteur en scène” traduz este mesmo cuidado com a integração texto/público. Não seria portanto exagerado sustentar que, a partir do Naturalismo, esboça-se o aparecimento de uma literatura democrática, aberta para todos.

A *CONCLUSION*, além de sintetizar o longo percurso empreendido, aponta para novos temas que, por si mesmos, justificariam novas e amplas pesquisas. Constitui o Naturalismo um verdadeiro sistema literário ou, pelo contrário, a recusa de ser apenas literário? Pela clareza, transparência, ausência de ambigüidade, seria este movimento artístico a negação da própria arte? Segundo Chevrel, o Naturalismo não foi capaz de moldar as novas formas literárias às quais aspirava, porque não venceu as dificuldades da representação espaço-temporal. Talvez – sugere então – a sétima arte ter-lhe-ia sido útil se inventada um pouco mais cedo. Não por acaso, aliás, o cinema e a televisão tem explorado com tanta intensidade os textos naturalistas. E o comparatista francês conclui mencionando outros sinais da posteridade do Naturalismo: a consagração da obra de Tchékhov, o realismo socialista, os ciclos romanescos à Roger Martin du Gard, Jules Romains, Sartre.

Fecham este sugestivo, metódico e bem documentado *Le Naturalisme* um *Éléments de bibliographie* e um *Index des noms* que orientam o leitor tanto no domínio literário francês quanto nos estrangeiros, facilitando também a localização de escritores, editores, “metteurs en scène”, cineastas e críticos estudados ou mencionados ao longo do livro.

Pelo conjunto das questões colocadas e discutidas, e dada a variedade das literaturas abordadas, a segurança metodológica, o aparato documental bem como as qualidades estilísticas – entre as quais se inclui a ausência de jargão pseudo-científico – esta obra merece um lugar de destaque na biblioteca do pesquisador universitário interessado em letras, francesas ou não, e literatura comparada.

ITALO CARONI